

Sobre O silêncio das plantas^{1*}

Rodrigo de Almeida Cruz^{2**}

Resumo:

Este artigo aborda alguns aspectos ligados ao trabalho *O silêncio das plantas*, vídeo *stop motion* que realizei entre o fim de 2015 e o início de 2016. Tais aspectos são: o surgimento do meu interesse por plantas, os procedimentos de pesquisa e experimentação que me conduziram a este resultado específico; as influências/confluências conceituais e poéticas que permearam meu pensamento enquanto realizava o trabalho e após sua realização ao refletir ele.

Palavras-chave: arte contemporânea; vídeo; natureza; processo.

Abstract:

This article discusses some aspects of the work *Silence of plants*, a stop motion video made between late 2015 and early 2016. These aspects are: the emergence of my interest in plants, research procedures and experimentation that led me this particular result; conceptual and poetic influences/confluences that permeated my thoughts while performing the work and after its completion to reflect it.

Keywords: contemporary art; video; nature; process.

Sobre O silêncio das plantas

Rodrigo de Almeida Cruz

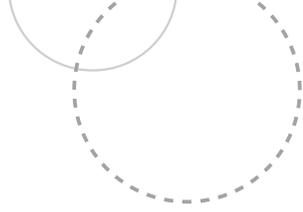
Moitas, pinhais, prados e juncais,
tudo que vos digo é um monólogo,
mas não são vocês que o ouvem.

Wisława Szymborska,
O silêncio das plantas

Desde o final de 2014 desenvolvo experimentos com plantas à procura de realizar trabalhos artísticos. Comprei manuais de jardinagem, tentei em vão aprender as artimanhas dessa ciência tão misteriosa, enchi meu apartamento com plantas, observei-as calmamente, às vezes durante longos períodos. Imaginei inúmeras instalações com profusão de samambaias, monstera, bromélias, palmeiras, sanseviéras, musgos, ervas etc. Projetos esses nunca levados à frente, quando muito, registrados num caderno de anotações. Colhi folhas de jibóias (*Epipremnum pinnatum*) e de algumas outras espécies de arbustos ou árvores com folhas grandes, as quais, num período próximo ao fim do ano, aqui em Brasília, assumem um variado espectro de coloração, que vai do verde escuro ao vermelho alaranjado, passando pelo verde limão, pelo amarelo esverdeado, pelo amarelo mostarda, pelo alaranjado, pelo rosa claro, e, em alguns casos, tudo numa mesma folha, com a esperança de conseguir encontrar alguma substância ou processo capaz de preservar a vivacidade dessas cores. Entretanto, invariavelmente, as folhas secaram e perderam as cores intensas, fato que me fez desistir do trabalho

1 - * O trabalho *O silêncio das plantas* participou da exposição #EmMeio8.0, realizada de 03 a 30 de outubro de 2016, no Museu Nacional da República de Brasília, como parte do 15º Encontro Internacional de Arte e Tecnologia (#15.ART): arte, ação e comunicação.

2 - **Rodrigo de Almeida Cruz é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Arte, do Departamento de Artes Visuais, da Universidade de Brasília. Desenvolve pesquisa na linha de Poéticas Contemporâneas sob orientação do Professor Doutor Vicente Martínez Barrios.



que estava tentando fazer e, para o bem ou para o mal, me permitiu refletir um pouco melhor sobre a idéia de tentar ir contra um sentido próprio da natureza, tentar parar o tempo de uma folha, impedir que ela secasse. Imaginei fotografias em que pessoas equilibrassem vasos com plantas em meio à paisagem (urbana e rural); vídeos em que vissemos todo o crescimento de uma árvore, da raiz ao fim dos seus dias, somente em alguns minutos; ações que envolvessem longas (mas também curtas) conversas com plantas; um sujeito que subisse em uma árvore para em cima dela pernoitar; esculturas com espadas-de-são-jorge (*Sansevieria trifasciata*) e samambaias (*Pteridophyta*), dentre outras; jardins (internos ou externos) com estruturas circulares etc.

Enquanto tais ideias e aproximações surgiam nos meus cadernos de desenhos e anotações, procurei levantar questões sobre como nos relacionamos com a natureza, ou antes, para melhor dizer, sobre como, no meu trabalho artístico, procuro compreender e me relacionar com a natureza, quais sentidos podem surgir nessa relação, como essa compreensão intervém nas escolhas e processos materiais no fazer do trabalho. Foi, portanto, já em meio a esse espectro de experiências que percebi que meu interesse em trabalhar com plantas se dava não somente por conta de uma sedução de ordem estética, isto é, por vê-las como bons elementos de composição visual e espacial, mas também, e, principalmente, por haver percebido a potência metafórica que tais elementos possuem em uma abordagem da noção de natureza. Penso aqui, por exemplo, na *Invenção da paisagem* (2007), de Anne Qauquelin, em que a natureza é o fundo, cuja parte que emerge, a parte que vemos, é o jardim³. Mas também, no poema *O silêncio das plantas* (2002), da poeta polonesa Wislawa Szymborska, ao qual devo o título do meu trabalho. O poema aborda a relação de Szymborska com suas plantas, “uma conversa imprescindível e impossível” (SZYMBORSKA, 2002, p. 32), para então colocar uma questão mais profunda, sobre os limites da linguagem, sobre a indiferença e independência da natureza em relação aos anseios humanos.

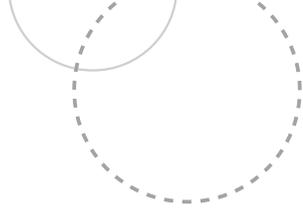
O vídeo *O silêncio das plantas* é uma dessas inúmeras tentativas, mencionadas acima, de trabalhar com plantas, talvez a tentativa mais contundente, ou (quem saberia dizer?) a mais equívoca, mas de fato uma das poucas levadas a cabo e realizadas com um mínimo sucesso (péssima palavra). Para realizá-lo utilizei uma Costela-de-adão (*Monstera deliciosa*), planta que possui folhas grandes e com furos, que decora a sala do apartamento em que moro. Sala esta que é também utilizada como locação para realização do *stop motion* e que, apesar de vazia, pode lhe conferir certo aspecto doméstico, devido à sua dimensão, ao piso de taco, típico dos apartamentos de Brasília, às tomadas que aparecem na parede, à iluminação proveniente das janelas abertas, ao próprio modelo das janelas, ao modo como deixam aparecer árvores ao fundo. A planta percorre essa sala de forma circular, repetitiva e desengonçada, como se estivesse fugindo atordoada do sujeito que a segura deitado no chão.

Rodrigo de Almeida Cruz. *O silêncio das plantas (stills)*. Vídeo, 7 minutos, 2015-16. Ficha técnica - Concepção e direção: Rodrigo de Almeida Cruz; Direção de Fotografia: Jean Peixoto; Edição: Mattheus Macedo.

Wislawa Szymborska e a ideia de natureza

Nós o chamamos grão de areia.

3 - Sobre o jardim como forma (cultura) contraposta à natureza (fundo disforme), gostaria de recomendar todo o livro da estudiosa francesa já mencionada, mas, sobretudo, devo frisar a pontualidade com que o assunto é tratado na primeira parte e na segunda parte do livro, respectivamente, “Um jardim tão perfeito” e “As formas de uma gênese”. Cito, para exemplificar, esses trechos: “[...] a natureza é uma ‘idéia que só aparece vestida’, isto é, em perfis perspectivistas, cambiantes. Ela aparece sob a forma de ‘coisas’ paisagísticas, por meio da linguagem e da constituição de formas específicas, elas próprias historicamente constituídas.” (p. 29). “Se o jardim se separa da cidade, ele também se separa da natureza furiosa, tempestuosa ou desértica.” (p. 63).



Mas ele mesmo não se chama nem de grão, nem de areia.

Wisława Szymborska,
Paisagem com grão de areia.

A relação do meu trabalho com aspectos da poesia da poeta polonesa Wisława Szymborska vai além do poema mencionado acima, perpassa toda sua construção de uma idéia de natureza (ou mundo) indiferente às linguagens e anseios humanos. Tal dimensão, que possui um valor central no pensamento de Szymborska, pode ser encontrada – com diferentes nuances – em poemas como *Paisagem com grão de areia* (1987), *Instante* (2002), *Conversa com a pedra* (1962), *Excesso* (1987), *Nuvens* (2002), *Entre muitos* (2002), além, é claro, do supracitado *O silêncio das plantas*. Em *Conversa com a pedra*, por exemplo, de 1962, a poeta bate à porta de uma pedra e a pede que a deixe entrar, diz que vem por curiosidade, que gostaria de conhecer seu interior, entretanto, a pedra se nega e afirma ser hermeticamente fechada. A poeta insiste uma, duas, três vezes, até que a pedra, impassível, encerra o assunto dizendo simplesmente que não possui porta. Em *Paisagem com grão de areia*, os limites da linguagem humana são suscitados no mero ato de contemplar a vista de uma janela suja com grãos de areia. Para o grão, “De nada serve nosso olhar, nosso toque./ Não se sente olhado nem tocado./ E ter caído no parapeito da janela/ é uma aventura nossa, não dele.” (SZYMBORSKA, 2011, p. 69). Já em *Excesso*, é avaliada a recente descoberta de uma estrela distante, o que, segundo a poeta, “[...] não tem consequência./ Não influi no clima, na moda, no resultado do jogo,/ na mudança de governo, na renda e na crise de valores.” (SZYMBORSKA, 2011, p. 68).

A pesquisadora brasileira Regina Przybycien, responsável pela tradução de alguns poemas de Szymborska para o português, comenta no prefácio da coletânea publicada em 2011 pela Companhia das Letras, algo sobre a dimensão filosófica presente no pensamento da poeta polonesa. Cito aqui um trecho desse prefácio:

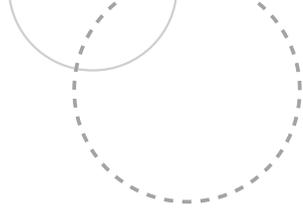
Gerhard Bauer propõe que a temática da poesia de Szymborska se constitui de uma série de perguntas de natureza filosófica que desestabilizam o que é aceito como real, como dado. A filosofia coloca, desde sempre, perguntas como: quem sou? de onde venho? para onde vou? que faço aqui? Formulando essas perguntas, o ser humano se distanciou dos outros seres cujo destino é regido pelas leis naturais. Julgando ocupar uma posição central no mundo, custa-lhe confrontar-se com o fato de que também ele é parte da natureza. Em vários poemas de Szymborska o eu lírico se coloca como fruto do acaso na cadeia evolutiva e se indaga: e se fosse diferente? (PRZYBYCIEN, 2011, p. 13)

E em seguida cita um trecho de *Entre muitos*:

Sou quem sou.
Inconcebível acaso
como todos os acasos.

Fossem outros
os meus antepassados
e de outro ninho
eu voaria
ou sobre outro tronco
coberta de escamas eu rastejaria.
(SZYMBORSKA Apud PRZYBYCIEN, 2011, p. 13)

Respeitadas as devidas proporções, gostaria de situar o meu vídeo *O silêncio das*



plantas próximo ao bojo das questões tratadas pela poeta polonesa, quando esta, como procurei apontar aqui, aborda temas como a natureza, o cosmos, o acaso e a linguagem. No poema em que encontrei o título do meu trabalho, a poeta aborda sua relação (“unilateral”) com as plantas. Quando me deparei com esse poema já estava há algum tempo tentando desenvolver trabalhos artísticos com plantas e foi nele que encontrei não só um título para o meu vídeo, mas também um lugar adensamento.

Repetição e circularidade

My business is circumference.
Emily Dickinson

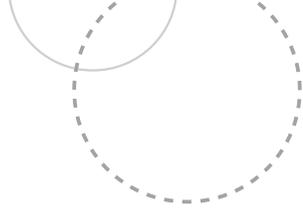
Segundo Liliane Benetti:

No fim da década de 1960, Bruce Nauman filmou-se no ateliê cumprindo à exaustão séries preordenadas de movimentos com nenhuma outra finalidade aparente que não a de testar as possíveis variações assumidas por seu corpo naquele espaço delimitado, como se estivesse a inventariar posturas estáticas e modos de se mover enquanto executava atividades tão banais como andar, bater os pés no chão ou arremessar bolas de borracha contra as paredes. Tais filmes 16 mm ou vídeos mostravam repetições de padrões predeterminados de exercícios ora assemelhados a passos de dança ora a tarefas desempenhadas no dia a dia. (BENETTI, 2013, p. 82).

O vídeo *Walking in an Exaggerated Manner Around the Perimeter of a Square* (1967) é um dos trabalhos de Bruce Nauman realizado no período acima mencionado. Nele, temos o artista em seu ateliê realizando concentradamente a tarefa que o título do trabalho anuncia. Enquanto caminha de forma exagerada, eventualmente, o artista sai e retorna do quadro do vídeo, despreocupado com o enquadramento. Logo percebemos certa falta de finalidade específica em sua ação (a não ser realizar a própria ação), ou mesmo do registro da tarefa que executa: simplesmente percorre o perímetro marcado no chão, de forma lenta, circular, repetitiva, como se já o estivesse fazendo antes do vídeo começar e assim fosse permanecer, mesmo após o fim do vídeo, de modo indefinido.

Alguns dos elementos presentes nos vídeos de Bruce Nauman, sobretudo com respeito a certas escolhas formais, encontram lugar no meu trabalho. Procurei esboçá-los acima, mas repito-os para fixá-los com maior clareza: a câmera de registro fixa num dos lados do espaço; a repetição de um movimento circular; a ausência de uma estrutura narrativa com começo, meio e fim; a aparente gratuidade, ou “tolice”, do movimento realizado; a utilização do próprio corpo. Esses elementos estão presentes no meu vídeo, muito embora com uma diferença tácita: o vídeo trata-se de um *stop motion* com duração – se tomarmos do início ao fim de um ciclo – de cerca de trinta segundos, que são repetidos em *looping*, indefinidamente. De modo que a noção de repetição exaustiva de um movimento corporal, central no trabalho de Nauman, perde lugar no meu trabalho para outro tipo de repetição, ligada à concepção, à edição e à montagem do vídeo. Colocada dessa forma, tal circularidade é assumida como um elemento presente tanto no caminho desenhado pelo movimento das figuras animadas, quanto na estrutura interna que torna possível o trabalho.

Aqui, por fim, chego a um tema recorrente no meu trabalho em arte, com o qual gostaria de terminar este artigo: a imagem da circunferência. A estrutura circular de alguns trabalhos funciona como uma metáfora do meu processo – e do meu método – de pensamento em obra. O trabalho que apresento neste artigo não foge a esse aspecto, pelo contrário, volta a afirmá-lo, do mesmo modo que, ao refletir sobre ele, isto é, ao escrever sobre esse trabalho, creio que esteja o conhecendo novamente. Transportan-



do-o e corrigindo-o numa memória sempre mutante.

Referências Bibliográficas

- BENETTI, Liliane. Ângulos de uma caminhada lenta: exercícios de contenção, reiteração e saturação na obra de Bruce Nauman. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2013.
- CAUQUELIN, Anne. *A invenção da paisagem*. Tradução Marcos Marcionilo. – São Paulo: Martins, 2007.
- PRZYBYCIEN, Regina in: SZYMBORSKA, Wislawa. *Poemas*. Seleção, tradução e prefácio de Regina Przybycien. – São paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SZYMBORSKA, Wislawa. *Poemas*. Seleção, tradução e prefácio de Regina Przybycien. – São paulo: Companhia das Letras, 2011.
- SZYMBORSKA, Wislawa. *Instante*. Tradução de Elzbieta Milewska e Sérgio Neves. – Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2006.